

Durée : 6 heures

Analysez et commentez, **en portugais**, les documents suivants :

## **FUTEBOL NO BRASIL, FUTEBOL EM PORTUGAL**

### **Document n° 1**

#### **Futebol na raça**

Uma coisa é certa : a Copa pode não ser nossa, mas o futebol já é, e sempre foi.

Criado na Inglaterra em 1863, ele desembarcou no Brasil 31 anos depois, na forma de uma bola trazida debaixo do braço pelo estudante paulista Charles Miller. Chegou elitista, racista e excludente. Quando se organizaram os primeiros campeonatos, lá pelo começo do século, era esporte de branco, rico, praticado em clubes fechados ou colégios seletos. Negros e pobres estavam simplesmente proibidos de chegar perto dos gramados, mas mesmo à distância perceberam o jogo e dele se agradaram. Estava ali uma brincadeira feita sob medida para pobre. Não exige equipamento especial além de um objeto qualquer que possa ser chutado como se fosse bola. Pode ser praticado na rua, no pátio da escola, no fundo do quintal. O número e o tipo de jogador dependem apenas de combinação entre as partes. Jogam o forte e o fraco, o baixinho e o altão, o gordo e o magro. Naquele tempo seria impensável, mas hoje em dia se pode misturar até homem e mulher que dá jogo. As regras oficiais são apenas dezassete e com exceção da número onze, que trata do impedimento, todas são de fácil entendimento e mais fácil aplicação. Feito para ser jogado ao ar livre, pode ser praticado nos doze meses do ano neste país sem inverno. Com tanta facilidade, tinha de dar certo. E deu.

[...] Na Copa da França, em 1938, a terceira da história do futebol, contrariando recomendações do Ministério das Relações Exteriores do governo Getúlio Vargas, a Seleção escalou pela primeira vez jogadores negros. Entre eles, o zagueiro Domingos da Guia e o atacante Leônidas da Silva, não por acaso as estrelas do time. E, não por acaso também, o Brasil ficou em terceiro lugar, e pela primeira vez deixou de ser mero figurante em copas.

Começava a surgir um estilo brasileiro de jogar futebol, rebelde e anárquico, inventivo e travesso. " Nossos passes, nossos pitus, nossos despistamentos, nossos floreios com a bola têm alguma coisa de dança e capoeiragem que marca o estilo de jogar futebol, que arredonda e, às vezes, adoça o jogo inventado pelos ingleses, e por eles e por outros europeus tão angulosamente jogado. Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol ; e este estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas e em música as técnicas européias e americanas mais angulosas para o nosso gosto ; sejam eles jogo ou arquitetura ". Quem escreveu essas linhas [...] foi o sociólogo Gilberto Freyre. Os brasileiros inventaram um jogo cheio de curvas e volteios, que

avança pelos lados, fazendo ziguezagues. " Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol ", escreveu Mário de Andrade, outro inesperado cronista do futebol. [...]

A mescla de raças dotou o brasileiro de múltiplas qualidades que fazem dele a matéria prima para jogar futebol. Os hábitos e costumes completaram o trabalho. A mania de chutar bola de pé descalço, fruto da informalidade e da pobreza brasileira, por exemplo, desenvolveu uma intimidade entre o pé e a bola que chuteira nenhuma do mundo é capaz de substituir. [...]

Melhor indicativo de como o futebol se infiltrou na vida brasileira está na linguagem diária do povo. Expressões nativas dos gramados invadiram as conversas em todos os setores. Qualquer trama é uma "jogada". Fazer algo bem feito é "marcar um gol de placa". Deixar de resolver um problema é "chutar para o alto" e salvar uma situação é "colocar para escanteio". E por aí vai. Quem está a perigo vai "para a marca do pênalti". Dar uma mancada é "pisar na bola". Quem é ríspido "entra de sola" e tudo termina "no apito final".

Maurício Cardoso, *Veja*, 7 de janeiro de 1998.

## Document n° 2

### Gol anulado

Quando você gritou "Mengo",  
No segundo gol do Zico,  
Tirei sem pensar o cinto  
E bati até cansar.

Três anos vivendo juntos  
E eu sempre disse contente  
Minha preta é uma rainha  
Porque não tenho batente  
Se garante na cozinha  
E ainda é Vasco doente.

Daquele gol até hoje  
O meu rádio está desligado  
Como se radiasse  
O silêncio do amor terminado  
Eu aprendi qua a alegria  
De quem está apaixonado  
É como a falsa euforia  
De um gol anulado.

Música de João Bosco, letra de Aldir Blanc.

### A magia do futebol

A partir da última guerra mundial, aumentou o número e a tiragem dos jornais desportivos. Como medida de defesa, os jornais diários passam a ter largo noticiário desportivo, ou inclusive "suplementos desportivos", afinal outros periódicos de desporto. Surge a profissão de "jornalista desportivo". [...]E tudo isto, sem dúvida, mercê da paixão pelo futebol -"Rei dos Desportos" e chamariz das multidões. [...]

Uma das ocupações deste tipo de jornalismo incide sobre o relato das grandes partidas. Enquanto descreve o que aí se passou, faz a história dominical do futebol. História que aparece sempre esmaltada pelo fulgor do génio. De tudo acaba por ressaltar, numa escala superlativa, a "codícia", o "brio", a "combatividade", o "espírito de sacrifício", a "classe" dos Astros que mais se distinguiram. [...]Assim, os Ases do Futebol, os grandes, os eleitos possuem a compleição de super-homens. Decerto mercê de sua "clássica autoridade", ao Sr Germano do Benfica já se chamou o "divino calvo". "Divino" só fora antes, além de Aquiles, não um clássico, mas um romântico, o nosso Almeida Garrett... A magnificação do Sr Eusébio, "Eusébio Navarro", a "pantera negra", atinge proporções inauditas. É o suprasumo, o "fenómeno", com a aptidão de resolver as coisas mediante pontapés ciclópicos. [...]Este recurso de juntar ao nome dos ídolos os atributos glorificantes do próprio génio é de ordem mitológica. À semelhança dos heróis homéricos, os Ases têm as hipérboles que merecem, – expressoras das formas como se conduzem nas pelepas. [...]

Dos heróis da bola conhecemos tudo : a saga da vida pública nos estádios e os primores da vida privada no lar do jogador e fora dele. Além das entrevistas, a intimidade das vedetas é-nos franqueada por publicações onde a traços largos se narra, antes da realização pessoal, a vida pregressa dos ídolos, recheada de vaticínios e bolas de trapo. Estamos ao fato de como prosperam comprando prédios, abrindo lojas de modas ou salões de cabeleireiro. Sabemos sobretudo quanto ganham, de ordenado, de prémios, de "luvas", quanto exigem pelas transferências (em que são "comprados" ou "adquiridos"), e na assinatura dos contratos –somas fabulosas, acomodadas ao fabuloso da própria condição. Tudo isto repete, a seu modo, a história da gata borralheira : o futebol é a fada que, num rufo, promove as vedetas do operariado à alta burguesia. Numa palavra, estamos perfeitamente ao corrente da vida sensacional e folgada dos Ases, "os milionários da bola".

O fim da festa.

Portugal não estará na final do Euro -2000

É impossível esconder as lágrimas que borram as caras pintadas de vermelho, amarelo e verde. Com os nervos à flor da pele, após minutos de fortes emoções, os portugueses saem cabisbaixos do Estádio Rei Balduino, em Bruxelas. Mas ainda se ouve gritar "Portugal".

Os mais inconformados partem as cadeiras e atiram-nas para o relvado, enquanto gritam calúnias ao árbitro. A segurança é obrigada a intervir. E os ânimos acalmam, também porque os jogadores vêm agradecer e Fernando Couto atira uma bola ao público.

"Nunca temos ninguém por nós. Não se marca um penalti a tão poucos minutos do fim", diz Augusto com sotaque belga. Está entre os imigrantes que formam o grosso da claque. De França, Luxemburgo, Inglaterra, e Alemanha, trouxeram o hino nacional escrito em papéis para não esquecerem a letra. [...]

Durante o jogo, a claque reflectia o desempenho da equipa. Antes do apito final, deseja-se boa sorte, e na primeira parte, a festa vai em crescendo. Depois do golo do Nuno Gomes, os portugueses cantam o hino do Euro-2000, "Campeões, campeões", enquanto fazem a onda. Todos acreditam na vitória. E os nomes de Figo, Sérgio Conceição e Vítor Baía ecoam alternadamente. Ao intervalo, ouve-se o "Malhão" e "Cheira a Lisboa", numa constante de cânticos e de slogans...

Daniel Reis

*Expresso*, 1 de julho de 2000.